

ORAÇÃO FUNEBRE

RECITADA NAS EXEQUIAS

DO

CONDE DE CAVOUR

POR

José da Fonseca Abreu Castello Branco

PRESBYTERO DA EGREJA ROMANA

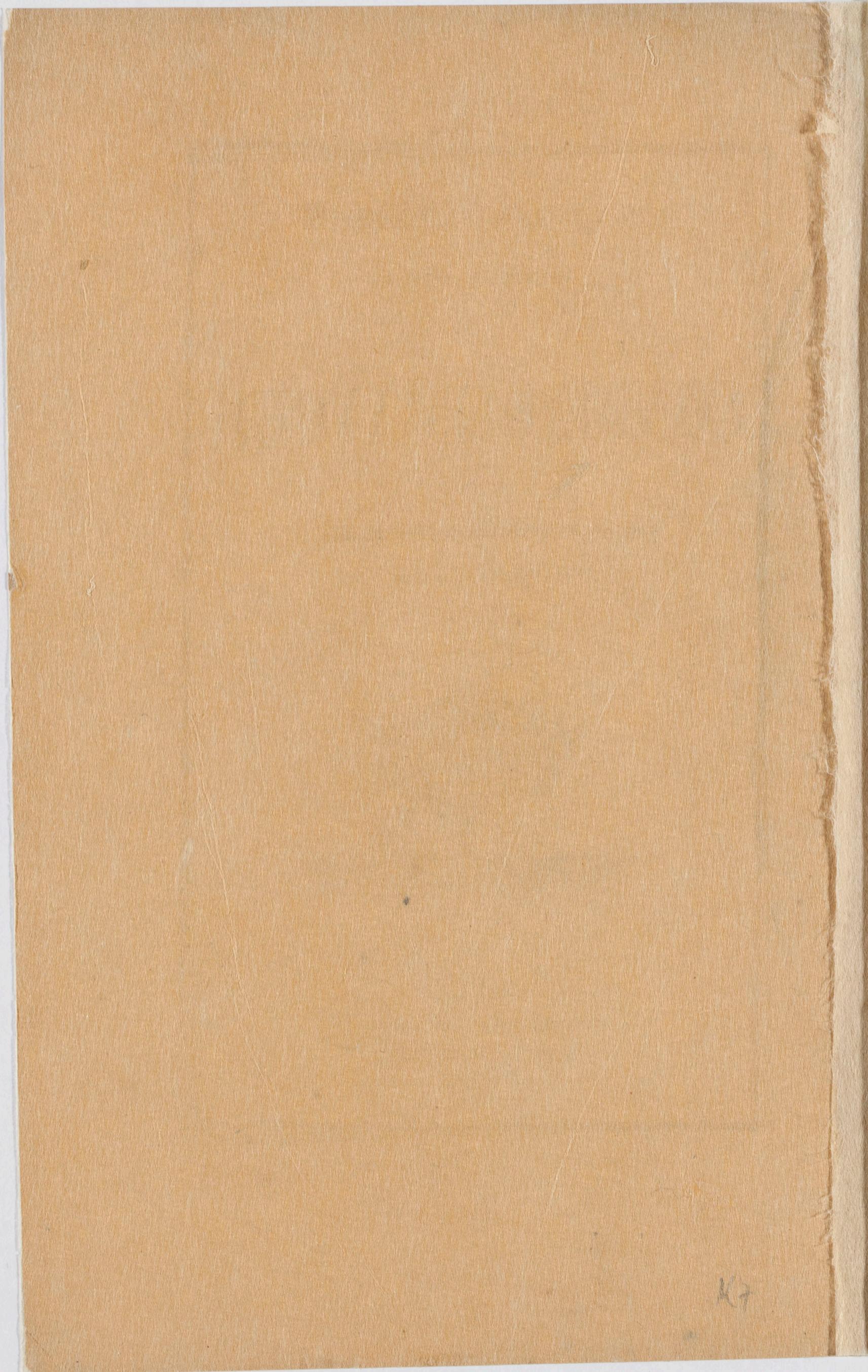


LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

Rua dos Calafates, 110

—
1861



K7

ORAÇÃO FUNEBRE

RECITADA NAS EXEQUIAS

DO

CONDE DE CAVOUR

POR

José da Fonseca Abreu Castello Branco

PRESBYTERO DA EGREJA ROMANA



LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

Rua dos Calafates, 110

—
1861

1. 1000 00 LIBRIS

OPUS DE CAUSIS

In nomine domini Amen. Hic tractatus continet
 causas et effectus rerum naturalium et
 moralium. In primo libro tractatur de
 causis elementaribus et de generatione
 et corruptione. In secundo libro tractatur
 de causis animalium et de sensibus
 et motu. In tertio libro tractatur de
 causis vegetabilium et de fructibus
 et semine. In quarto libro tractatur
 de causis celestium et de meteoris
 et cometa. In quinto libro tractatur
 de causis humanarum actionum et
 de virtutibus et vitiis. In sexto libro
 tractatur de causis morborum et de
 sanatione. In septimo libro tractatur
 de causis peccatorum et de poenis
 inferni. In octavo libro tractatur
 de causis salutis et de gloria paradisi.

OPUS DE

CAUSIS ET EFFECTIBUS

A TODOS OS LIBERAES

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

Fazendo imprimir esta oração, cedi ao pedido de muitos amigos, como era dever meu, embora contasse com o desfavor da critica imparcial. Nada corrigi; apresento-a tal qual a recitei, porque o contrario seria mentira. Não foi produzida por um talento fecundo, mas dictada por um coração verdadeiramente dedicado á causa liberal. A *fé* na justiça da nossa causa foi quem me guiou, e a *fortaleza* amparou-me; de outro modo não venceria os obstaculos que se me opposeram, quando emprehendi recitar essas poucas palavras.

Aceitae pois com benevolencia a humilde offerta que vos faz

O PADRE

José da Fonseca Abreu Castello Branco.

*

THE HISTORY OF THE

REIGN OF

CHARLES THE FIRST

By JOHN BURNET, BISHOP OF SALISBURY.

IN TWO VOLUMES.

LONDON, Printed by J. Sturges, at the Black-Swan in St. Dunstons Church; and by J. Smith, in Strand, 1724.

THE HISTORY OF THE REIGN OF CHARLES THE FIRST, BY JOHN BURNET, BISHOP OF SALISBURY. IN TWO VOLUMES. LONDON, Printed by J. Sturges, at the Black-Swan in St. Dunstons Church; and by J. Smith, in Strand, 1724.

Quomodo sedet sola civitas plena populo.
JEREM. Lam. 1, aleph.

D'esta sorte fallava o propheta Jeremias, lamentando a triste situação dos filhos de Israel, ao contemplar a cidade de Jerusalem desamparada pelo seu povo e posta em solidade.

Aquelle povo, peregrinando sempre, ou soffrendo perseguições, tinha enfim alcançado a sua patria, protegido pelo Deus omnipotente que o escolhera, tinha visto, jubiloso, raiar a formosa aurora da liberdade porque tanto anhelara. E agora chorava o propheta porque o povo perdera essa liberdade, que tantas magoas e trabalhos havia custado. Agora não cessava de chorar, porque a tanto esplendor e gloria da sua patria succedera a consternação e o lucto, e Jerusalem ficava devastada e deserta — *quomodo sedet sedet civitas*.

Se em lugar de um filho d'Israel fosse o propheta um cidadão de Turin, talvez proferisse tambem aquellas palavras e exprimisse de igual modo a sua dôr, ao contemplar aquella cidade no dia seis de junho, em que os seus

habitadores estavam consternados todos, e bem pesado lucto cobrira os corações daquelles que presavam, como devem, a independencia da Italia.

A cidade de Jerusalem estava posta em soledade, porque os seus filhos tinham perdido um objecto de saudade eterna, tinham perdido essa liberdade que a tantos captiveiros succedera, e d'onde esperavam que procedesse a tranquillidade e a ventura. E o povo italiano tambem combatera e havia soffrido muito, e tambem, com os olhos fitos no magestoso throno do rei Victor Manoel, esperava do seu reinado e governo as sabias leis e os prudentes conselhos sobre os meios mais efficazes de conseguir e firmar a unidade da Italia e a sua independencia, quando inesperadamente perdeu a vida quem dava vida áquelles conselhos: quando desapareceu de entre os italianos aquelle que os conduzira ao seu destino tão nobre: quando a cidade de Turin se consternou toda, cheios de magoa os corações de seus filhos; quando enfim — deixou de existir o conde de Cavour!

Aos habitantes de Turin foi dado receber o ultimo suspiro daquelle cidadão benemerito que tanto enobrecera o seu nome, foram elles os primeiros a chorar a sua morte; mas tambem devem sentir igual dôr todos os filhos da Italia, e os estrangeiros mesmo. Sim, que para a apreciação da moralidade e alcance de um tal facto não ha nacionaes nem estrangeiros; todos os homens sabem formar juisos, e estes identificam-se, quando as paixões não cegam os espiritos, quando o facto é do dominio de todos, quando o senso commum não póde ter excepções.

O principio que representava o conde de Cavour é justo e verdadeiro visto á luz da razão; a causa que elle defendia não é da Italia somente, é de toda a Europa, é da humanidade inteira. Logo uns e outros devem lamentar tão fatal perda, todos devemos chorar a sua morte.

Porém, meus irmãos, eu que sou ministro de uma religião toda de caridade, e tão fecunda de consolações, conheço que pesa sobre mim o dever sagrado de chamar os fieis a suffragar pelos mortos, e confortar também os corações lacerados pela dôr.

Será facil inspirar a dôr, será facil tornar sinceras e não suspeitas as honras funebres que hoje se tributam a tão illustre finado; mas não é facil confortar os que soffrem, quando se padece uma dôr igual. E esta é hoje a minha penosa situação, pois se não vêdes, meus irmãos, as lagrimas humedecer-me as faces, é porque magoa tão dura não se desfaz em pranto, suffoca-se no coração.

Quando pois não cumpra dignamente o dever sagrado de alliviar a vossa dôr, e fazer sentir a necessidade de suffragar por aquella alma, rogo-vos, meus irmãos, que vos lembreis de quanto é penoso occupar hoje este logar.

Vós, que vos compadeceis dos mortos, sereis também indulgentes com os vivos; e animado com esta esperança vou entrar no assumpto.

Não foi mister que o estampido dos canhões, ou o funebre tanger dos sinos, distrahissem de suas occupaões habituaes os sollicitos turinenses. Às sete horas da manhã do dia seis de junho, era geral a anciedade e o receio, e este havia crescido mais e mais com a repetição de boatos sinistros. Quando os relogics da capital annunciaram aquella hora, mil suspiros de dôr brotaram espontaneamente dos corações, estes enviavam ao céu ardentes preces, e milhares de vozes com sentida magoa repetiam: — «É morto o conde de Cavour, choremos tão fatal desastre! — Junto do seu cadaver, christãos, oremos todos; oremos, que as orações pela alma do finado aprazem ao Senhor e são o unico lenitivo que pôde ter a nossa magoa. — Oremos por elle todos!»

Que sublime ovação! que magestosa gloria! não é esta de todas a maior?

Venham Cezares e reis, venham grandes potentados disputar tamanha palma.

Tantas almas sensibilizadas pela morte prematura do nobre Conde de Cavour, os signaes não equivococ de vehemente dôr em tantos corações, provam bem que o seu genio transcendente e sua indole benefica o tinham elevado a incalculavel altura, a uma grandeza mui superior á de muitos desses homens que, aos pés de um throno, se dizem poderosos.

Quando tantas vozes, tantos suspiros e lagrimas exprimiam o mesmo pensamento, e deploravam a mesma falta, seriam menos sinceras essas demonstraões? Tudo nos prova o contrario: eram espontaneas e ingenuas, porque eram de um povo inteiro; e o povo, que a ninguem cede em soberania, não sabe adular um homem; junto do tumulto, no campo da igualdade não sabe profanar com a dobrez os mysterios da campã; assim como o cadaver inerte não sabe sorrir aos lisongeiros, as lagrimas que o povo chora no dia do trespasso são mais sinceras que as felicitaões dos cortezãos n'um dia de triumpho; estas podem não ser cordiaes, mas aquellas demonstram sempre a amargura, que o povo não pôde occultar, nem sabe fingir.

E se todo o povo chorou o Conde de Cavour, é porque elle havia merecido ser por todos amado.

Não ha duvida. Todos sabem com que demonstraões de respeito e affeição foi sempre recebido o Conde de Cavour pelos fieis vassallos do rei da Italia. Ninguem ignora já os grandes beneficios, os bens tão apreciaveis que da sua administração, sempre memoravel, estavam emanando para o povo italiano, beneficios que reflectiam não só por toda a Europa, mas pela humanidade inteira.

A Italia, essa grande familia, que possue tantas das condiões necessarias para conseguir a sua prosperidade com-

mum, achava-se immovel, sem poder caminhar ao glorioso destino que por Deus lhe fôra marcado. Retalhada tão briosa familia por forças estranhas, dividida em varias porções, gemendo cada uma dellás sob o peso insustentavel do despotismo, via como que destruida a sua personalidade, e contrariados os seus direitos, apesar de ter delles a consciencia.

E uma familia não pôde viver e prosperar sem que esteja unida; se a dispersarem, perderá o proprio character de pessoa moral.

Era pois mister que alguém promovesse a união da familia italiana, era mister que apparecesse um chefe que a todos inspirasse confiança, e ao mesmo tempo um homem de genio e coragem, amado por todos, que soubesse convencer a todos da necessidade e oportunidade dessa união.

Aquelle chefe tão desejado, foi concedido por Deus á Italia no filho magnanimo de Carlos Alberto; e aquelle genio indispensavel, para a obra grandiosa da redempção italiana, appareceu no Conde de Cavour. A unidade e independencia da Italia occupavam incessantemente o seu pensamento e vontade. Presidindo no conselho, dominava-o sempre o ardente desejo de libertar e engrandecer a familia italiana. Eis porque a maior parte divisava n'elle um poderoso motor do progresso e prosperidade commum, e todos — o symbolo da liberdade. —

Do Conde de Cavour esperavam os opprimidos ser libertados; e os homens livres a tranquillidade e a ventura da patria.

Mas acima das esperanças e juizos dos homens estão os decretos de Deus. Agora, o Conde de Cavour já não existe! Do homem, que tanto se elevava por querer elevar seus irmãos, que nos resta hoje? Resta-nos: dentro do sepulcro um cadaver, e nos nossos corações a saudade e a dôr! Resta-nos: lá na Italia a necessidade de consummar a obra

grandiosa da independencia, a que elle deu tão grande impulso, e nos corações dos verdadeiros liberaes a gratidão que os conduz ao templo do Senhor para suffragar por aquella alma tão nobre!

E se pelos suffragios se costuma exprimir não só a caridade, mas tambem a gratidão, o nosso empenho em suffragar deverá ser hoje bem fervoroso, porque além de professarmos uma religião que nos aconselha a fraternidade, devemos ser todos mui gratos a tão illustre finado; e não são os italianos sómente que devem mostrar-se reconhecidos, são todos os povos da terra que prêsam a virtude e o bem da humanidade. É isto que pretendo demonstrar. Vejamos:

O individuo, a familia, a nação, e a humanidade, ninguém desconhece que são entidades todas homogeneas; analogos devem ser portanto os meios de conseguir o seu desenvolvimento racional, ou as condições que se empreguem para conduzir cada uma ao seu destino. Mas destes meios, ninguém duvide, ninguém ouse negar que o essencial é a liberdade regrada; não se póde contestar este principio sem desattender a experiencia e a razão.

Escravise um individuo, carreguem-no com os ferros pesadissimos do captiveiro, aniquilem-lhe a vontade, submettendo-a á de outrem, e verão como elle, embrutecido, se torna incapaz de desenvolvimento moral.

Introduzam a discordia no seio de uma familia, façam-na dependente de especuladores barbaros, que lhe dictem o modo de regular seus negocios, e verão que essa familia, opprimida sempre, nunca poderá prosperar.

Imponham a uma nação o despotismo, ou a tutela estrangeira, de sorte que a sua administração haja de attender mais ao interesse dos que a dominam, do que ao bem dos cidadãos, e ella jamais poderá florescer, perderá mesmo o caracter de pessoa moral.

O mesmo diremos da humanidade: para desenvolver-se, e conseguir o mais subido grão de perfeição, carece apenas de que a não embaracem no seu caminhar incessante, no seguimento desse impulso que lhe deu o Creador. Ella tem comsigo todos os elementos de que precisa para o seu aperfeiçoamento. Deixem pois a humanidade entregue a si mesma e á mão de Deus, não lhe embaracem os passos, apresentando-lhe na frente o despotismo; dêem-lhe liberdade, e ella marchará bem rapida ao seu glorioso destino.

O despotismo abate e humilha os povos, só a liberdade é que os eleva e engrandece.

E este é o pensamento que se traduz em toda a vida publica do illustre Conde de Cavour: destruir os obstaculos, que ainda se oppoem á civilisação e ao progresso da humanidade, é o mais ardente desejo que os seus actos revelam. Ou se tractasse de negocios de administração interna, ou de regular as relações entre o povo italiano e outros povos, em tudo a liberdade foi sempre o seu norte, e a liberdade para todos, não excluindo os seus adversarios.

A escravidão é o mais duro soffrimento que o homem pôde experimentar; assim pois a liberdade é o mais precioso de todos os bens. E se o conde de Cavour promoveu, com desvelo incançavel, a unidade italiana, e empregou todos os cuidados e esforços para libertar a Italia, deve ser-lhe grata a humanidade inteira, e todo o homem de coração lamentar a sua morte, e exprimir a gratidão que lhe é devida, suffragando por elle.

Além d'isso: o mundo inteiro acaba de receber uma lição bem significativa; viu demonstrado a toda a luz quanto é preciosa a razão do homem, e que a sabedoria é o elemento mais necessario nas grandes emprezas: sim, porque o valor e o patriotismo dos italianos seriam talvez inuteis, se o conselho de Cavour tivesse faltado.

Sendo certo que o homem de espirito elevado, de co-
ração puro, e sempre inclinado para o bem, não póde
eximir-se á saudade de todos quando se haja finado; se
muitos conheceram esse homem; muitos lamentam a sua
falta, mais se generalisa a saudade.

No Conde de Cavour concorreram todos aquelles pre-
dicados, e todos os povos cultos o conheceram e admira-
ram, logo; todos devem deplorar a sua falta, e a saudade
não deve entre nós achar limites.

Desde a fundação do *Resorgimento* havia-se revelado no
Conde de Cavour um genio transcendente e nobre, e, desde
as conferencias de Paris até o momento da sua morte, foi
continuamente elevando-se com elle a gloria da Italia e
da humanidade.

É certo que muitas vezes alguns olhos não querem des-
cerrar-se diante da luz, e alguns espiritos recusam conhe-
cer os effeitos salutaes da liberdade; por isso teve aquelle
grande estadista muitos adversarios politicos, mas inimigos,
ousou dizer que os não tinha, porque não é crível que al-
gum homem odeie a virtude e não a respeite, emquanto
o guiar a razão.

A sua honradez apparece em todos os seus actos, não
se revelando n'elles um unico pensamento que a desminta.

A sua lealdade, testificam-na todos os que em negocios
privados ou publicos o tractaram.

A sua generosidade, são os seus proprios adversarios
que a proclamam. Estes mesmos, deixando á historia, e á
posteridade, o julgamento do estadista, não duvidam dar
um testemunho de respeito ás virtudes do cidadão, de-
plorando a sua falta, e orando junto do tumulo daquelle
que tão pressuroso se mostrou sempre em exercer os actos
de misericordiosa philantropia.

De sorte que, sem perigo de errar, se póde dizer que
eram affeioados ao Conde de Cavour todos aquelles que

tiveram conhecimento de suas qualidades; e que se augmentava cada dia a magestade e gloria do rei da Italia, porque junto d'elle o presidente do conselho reinava tambem, não sobre um throno dourado, mas em todos os corações sinceros e puros.

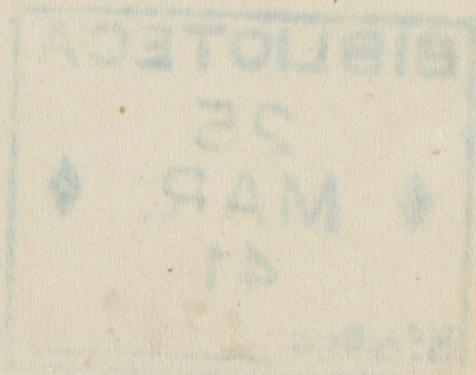
Porém são estas as suas unicas virtudes? São estes os unicos motivos de tanta dôr e saudade que os italianos sentiram, e que só não sentirá quem fôr insensivel? Ah, meus irmãos, difficil seria acompanhar a reminiscencia sobre tantos factos, que ella nos ministra, e sobre tão preciosas virtudes.

Mas ainda não fallei da mais nobre de todas. Santo Deus! como é que o vosso ministro esquece, no meio de tantas virtudes, a da religião?! — É que eu não posso patentear dignamente os sentimentos religiosos do nobre conde de Cavour. A religião é quem imprime nos pensamentos e acções o character de virtude; como poderia elle então possuir outras virtudes, em tão subido grau, se a religião lhe faltasse?

Bom catholico, na sua hora extrema, depoz constricto no tribunal santo da penitencia as culpas em que houvera incorrido. Bom christão, exhalou o ultimo suspiro com o pensamento em Deus, e abraçado á cruz do Redemptor; assim o affirma o ministro de Jesus, que n'aquelle momento supremo lhe assistiu podendo por isso remittir ao peccador penitente todo o genero de culpas. Crente do Evangelho, amou fraternalmente os homens; todos reconhecia por seus irmãos, e a todos soccorria, embora pensassem de modo differente.

Foi portanto um estadista insigne, um homem honrado e um christão piedoso, que se finou. É uma falta irreparavel, que todos devemos lamentar.

Italianos! Portuguezes! Vós todos que amaes a liberdade e a virtude! Choraes sobre o tumulto d'aquelle a quem tanto deve a humanidade.



Ah! perdão, meus irmãos; a dor que experimento fazia-me esquecer que tenho de enxugar o pranto aos que choram. Pois bem: se a gratidão vos obrigava a desejar a tão illustre e distincto estadista a sorte mais propicia, nenhum outro bem maior podieis appetecer-lhe, do que o eterno descanso junto de Deus: não choreis então.

Mas a obra da redempção da Italia não está ainda consummada, e os italianos perderam para sempre o homem de genio, coragem e virtudes, cujos esforços lhe seriam bem proveitosos até o complemento de tão grandiosa empreza! Choraes então por vós, meus irmãos; elevae ao ceo um cantico lugubre, e orae com fervor.

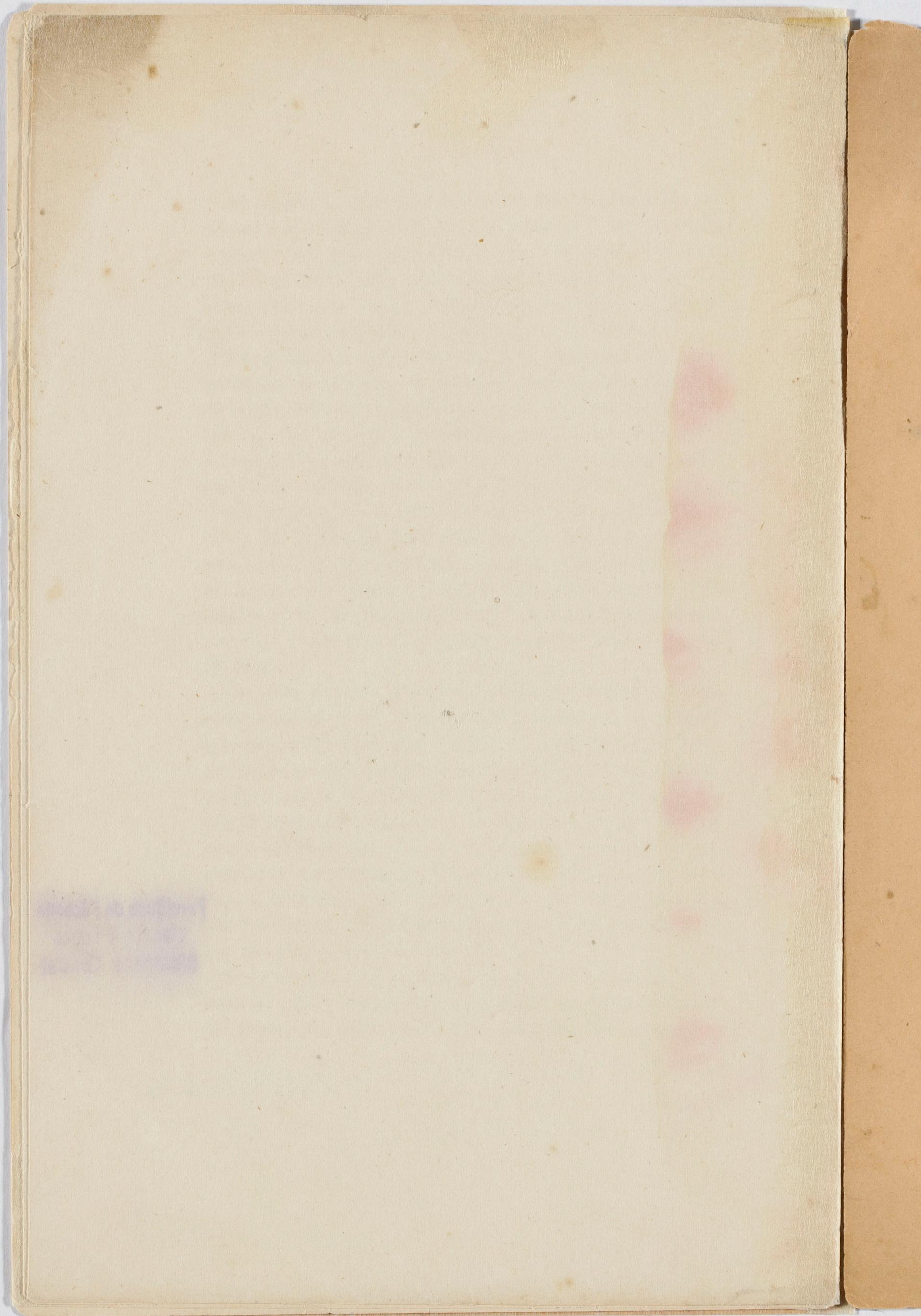
Porém diz-nos a fé que o homem virtuoso e justo é chamado por Deus para viver eternamente; e a obra encetada pelo Conde de Cavour, temos nós esperança de que hade em breve consummar-se, porque não ha trevas que possam embaciar essa luz brilhante accendida por Deus, e ateadada por elle. Tende pois fé e esperança, meus irmãos, e não choreis.

Conde de Cavour! A vossa intelligencia e virtudes affiançavam-vos na terra uma invejavel grandeza e gloria; aprouve porém ao Senhor chamar-vos á sua presença! Fostes, nobre Conde: mas assim mesmo continuareis no mundo a reinar nos nossos corações. Quando chegardes aos pés do Altissimo, levareis intactas as vossas crenças, que são as nossas tambem; alli, orae ao Senhor para que ellas se generalisem e fructifiquem. Rogai a Deus por todos os liberaes, e pelo bem da humanidade. Nós oraremos tambem, e o Pae misericordioso hade escutar os nossos rogos, porque nascem do coração.

Meus irmãos! De joelhos, oremos todos, para que o Deus de justiça e misericordia se digne conceder ao Conde de Cavour um descanso eterno — *Requiem eternam etc.*



Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central





K7